

TORTURA: CINEMA COMO FONTE DE MEMÓRIA

Maria Nathalia Cavalcante – nathalia.jornal@gmail.com
Graduada em Jornalismo na Universidade Positivo – UP, Curitiba –PR
Especialista em Produção Audiovisual na Universidade Positivo – UP, Curitiba –PR
Graduada em Cinema e Vídeo na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR,
campus de Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná

Solange Straube Stecz – solange.stecz@gmail.com
Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, professora orientadora
do curso de Cinema e Vídeo na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de
Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná

RESUMO: O artigo tem como objetivo a abordagem em torno do regime militar brasileiro, representado por seu ápice, entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970. Visa observar as seguintes frentes: o cinema, a tortura e a mulher. Com a finalidade de buscar a compreensão de como foram as escolhas fílmicas em conjunto com o conteúdo histórico. Para isso, as obras cinematográficas “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton e “A memória que me contam”, de Lúcia Murat, são os pontos de partida das reminiscências de quem viveu o período. O emprego da tortura como recurso jurídico-policial, faz frente nas obras citadas, mote de seus enredos. Os filmes mencionados remontam por meio de linguagens cinematográficas próprias as lembranças de quem viveu o fato discorrido. As recordações das personagens que conduzem os enredos, Frei Tito e Ana, de “Batismo de Sangue” e “A memória que me contam”, respectivamente, evidenciam que a violência não é apenas momentânea, mas sim, pode perdurar até a morte. A perseguição torna-se contínua e os torturadores permanecem ao lado de quem sofreu a agressão, ou seja, na memória. Além disso, a participação da mulher na luta armada e o destaque direcionado a interação feminina na oposição ao regime estabelecido. Para o auxílio nessa discussão, tem-se como base a obra literária; cinematográfica documental e ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Tortura; Memória; Narrativa Cinematográfica.

1 INTRODUÇÃO

O artigo trata-se de uma pesquisa em torno da tortura realizada durante a ditadura militar no Brasil. Serão analisadas duas obras cinematográficas que transcorrem seus enredos durante o regime ditatorial vigente no país entre 1964 a 1985, cujos recursos policiais eram perpetrados pela prática de tortura. Esse ato violento é retratado com evidência em “Batismo de Sangue”, de 2006, do diretor e co-roteirista Helvécio Ratton, baseado no livro homônimo de Frei Betto. O filme revela a trajetória de cinco religiosos dominicanos: Frei Tito (Caio Blat), Frei Betto (Daniel de Oliveira), Frei Fernando (Léo Quintão), Frei Ivo (Odilon Esteves) e Frei Oswaldo (Ângelo Antônio). O último partiu para a França antes do cerco policial contra os freis. Sendo aprisionados os demais, porém as obras literária e cinematográfica demonstram a tortura de Frei Fernando e

Frei Ivo, fato que resultou na confissão do local onde Carlos Marighella¹ iria se encontrar com ambos para repassar informes a respeito do movimento.

A obra de Lúcia Murat, “A memória que me contam”, de 2012, traz a visão de personagens que viveram o regime, porém a história se passa nos anos 2000. Amigos que lutavam contra a repressão estão juntos em razão da enfermidade de uma das companheiras, Ana. Essa personagem foi torturada e resistiu ao longo da vida com dois cânceres e a ideia de que estava sendo perseguida a todo o momento. Essa personagem foi livremente inspirada em Vera Sílvia Magalhães, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), conhecida por ter participado do sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick.

A importância de retomar tais fatos se dá pelo recente fim desse período ditatorial do país. Vidas ainda permanecem apagadas por ausência de esclarecimentos. O diretor Helvécio Ratton², na década de 1970, participou da militância no movimento estudantil. Exilou-se no Chile para se distanciar da perseguição. A diretora Lúcia Murat³, assim como Ratton, foi militante estudantil e fez parte do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8). Presa em março de 1971, aos 22 anos, foi levada ao DOI-CODI, no Rio de Janeiro, onde foi brutalmente torturada, recebeu a liberdade em 1974. Às vésperas da instituição da ditadura militar no Brasil, o país vivia em uma efervescente indagação em torno de ações sociais, cujo objetivo era enaltecer a melhor condição de vida das classes mais baixas. Buscando, assim, a aproximação de um escopo utópico: a igualdade social. Fato que culminou na intervenção dos militares, com o propósito de interromper os tais avanços. Em 31 de março de 1964 foi instaurado o Regime Militar no Brasil. O golpe que resultou na deposição do então presidente da república, João Goulart, levou o país ao caos, principalmente, em relação aos direitos humanos. De acordo com a pesquisa da Arquidiocese de São Paulo, “Era evidente que todo aquele movimento nacionalista e popular, estruturado em bases essencialmente legais, não tinha condições de enfrentar a força das armas” (2009, p.57). O Brasil a partir desse momento passou a ser governado por generais: Humberto de Alencar Castello Branco (1964 - 1967); Artur da Costa e Silva (1967 - 1969); Emílio Garrastazu Médici (1969 - 1974); Ernesto Geisel (1974 - 1979); João Baptista Figueiredo (1979 - 1985).

A população passou a ser vigiada e esteve acuada por intermédio de atos que retiravam a cada passo o exercício de ser cidadão, ir e vir. Os fatores que mais cerceavam o ser humano, durante esse período foram a perseguição e a tortura. Grupos surgiam a cada momento. O jornalista Antonio Carlos Fon menciona que, em julho de 1969, foi criada a Operação Bandeirantes, sendo

¹ Ativista político atuante desde a década de 1930, na Era Vargas. Foi um dos nomes mais visados pelo Regime Militar, por combater o governo.

² <http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/diretor-produtor-roteirista/helvecio-ratton>.

³ <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/lucia-murat/>.

desenvolvida no governo Emílio Garrastazu Médici. “Sem maiores detalhes, os jornais informaram apenas que o novo organismo teria como função coordenar as atividades dos diversos órgãos encarregados da repressão à subversão e ao terrorismo” (FON, 1979, p.15). Como forma de ludibriar a sociedade ao se reportar ao método como meio de proteção. Em 13 de dezembro de 1968 o Ato Institucional número 5 foi instituído. Era o golpe dentro do golpe. A partir desse instante os direitos estavam nas mãos dos militares. É importante ressaltar que camponeses e índios, também foram diretamente atingidos⁴. A luta pela terra, por parte de camponeses, provocou a intervenção do poder militar. Junto a esse embate, o governo iniciou a desapropriação de terras indígenas, com a proposta de “civilizar” essa população, porém o alvo era a terra para as construções ditas faraônicas como, por exemplo, a Transamazônica. A clandestinidade passou a ser a solução para assegurar a liberdade e manter-se contrário à ditadura. Apesar disso, a garantia de invisibilidade não era totalmente efetivada e a tortura, com isso, tornava-se iminente. De acordo com a pesquisa da Arquidiocese de São Paulo (2009) foram realizados 695 processos, atingindo 7.367 pessoas, sendo 88% homens e 12% mulheres, entre 1964 e 1979. A partir de relatos de quem viveu o período e essa experiência em prisões, é possível compreender a importância de se mencionar e replicar tal brutalidade, para que permaneça na memória do país.

Como apoio a realização do artigo foi necessário trazer o levantamento concretizado pela Arquidiocese de São Paulo, por meio da obra “Brasil Nunca Mais”, que resgata o período em torno da tortura, a literatura base do filme “Batismo de Sangue” e as respectivas relações, o cinema como um potente agente da história, assim mencionado por Rosenstone em “A história nos filmes, os filmes na história”, além da função social desse meio exemplificado por Turner, bem como, a inserção feminina nas ações de militância explanada nas autorias de Carvalho, Insuela e Merlino. A narrativa cinematográfica é auxiliada por Martin, Sganzerla e Metz. Em conjunto às obras filmicas que norteiam a passagem feminina na busca pela liberdade.

2 TORTURA NO CINEMA BRASILEIRO

Depois de mais de 30 anos do término desse período, ainda são procurados os desaparecidos políticos e torturadores continuam impunes. Com isso, obras literárias e cinematográficas discutem e rememoram esse instante de forma esclarecedora, buscando a concatenação dos fatos e o discernimento crítico da população. Dessa forma, duas obras cinematográficas traçam seus respectivos enredos a partir das ações cometidas durante o período

⁴ O documentário “Em busca pela verdade”, de 2015, produzido pela TV Senado, dirigido por Deraldo Goulart e Lorena Maria, traz um panorama dos grupos que tiveram os direitos humanos violados. Apresenta depoimentos de pessoas que foram torturadas e membros da Comissão da Verdade.

em questão, entre 1964 a 1985, cujo recurso policial era a prática de tortura. As obras evidenciam o final dos anos 1960 e início de 1970. Esse ato violento é retratado com evidência em “Batismo de Sangue”, de 2006, do diretor e co-roteirista Helvécio Ratton, tendo como fio condutor o personagem Tito, interpretado por Caio Blat. A história é retratada no período das ocorrências.

A diretora Lúcia Murat apresenta “A Memória que me contam” por meio de Ana, representada pela atriz Simone Spoladore, esse enredo inserido nos anos 2000, reporta o espectador aos anos de chumbo por meio de lembranças. Ambas as personagens compõem o quadro do ser torturado, mesmo longe da prisão, continuam vivendo as memórias da tortura. Ana foi torturada, tornando-se paraplégica, passando por dois cânceres e a ideia de que estava sendo perseguida a todo o momento. A diretora dedicou essa personagem a Vera Silvia Magalhães. A militante traçou sua participação na luta armada, tendo como uma das principais atuações o sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick, em 1969. Vera foi torturada e deixou as dependências da Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, em uma cadeira de rodas, após seu nome fazer parte da lista que propunha a troca com o embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben, em 1970. Tito foi torturado e ainda no exílio suicidou-se para se libertar dos fantasmas da repressão.

O livro de Frei Betto intitulado “Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella” foi levado às telas de cinema, em 2006. O filme sob o título de “Batismo de Sangue” relatou a prisão de quatro religiosos dominicanos: Frei Tito (Caio Blat), Frei Betto (Daniel de Oliveira), Frei Fernando (Léo Quintão) e Frei Ivo (Odilon Esteves). A literatura e o cinema expõem a ligação dos religiosos com Carlos Marighella e a morte do guerrilheiro. Emílio Garrastazu Médici estava à frente do governo, assinando um dos períodos marcados pelo apossamento da população oposta ao rumo da política nacional autoritária, que empregava a violência para silenciar a liberdade de expressão. Os porões da ditadura se especializaram em torturas psicológicas e físicas, ocasionando a morte em muitos casos. Além dos livros, documentários são realizados para o entendimento das questões relacionadas ao período. A diretora Lúcia Murat lança, em 1989, “Que bom te ver viva”. A realizadora sofreu tortura, sendo pertinente o assunto em seus filmes, reflexo do que viveu nas prisões da ditadura.

Minha primeira decisão, ao ser presa, foi a do suicídio. Fiquei desesperada quando vi que não ia conseguir me suicidar. O meu pai era médico muito conhecido. Então eles diziam: “Sua filha da puta, como é que você faz isso com o seu pai?” Sofri o que eles geralmente faziam com todos nós: choque elétrico,

pau-de-arara, afogamentos, baratas e, por ser mulher, tortura sexual. Tomei choques na língua e na vagina (CARVALHO, 1998, p.196).⁵

A memória do documentário fixa relatos de mulheres que participaram da luta armada, mulheres que sobreviveram às marcas e feridas. A atriz Irene Ravache conduz o enredo do documentário, costurando as histórias. Dando voz, indiretamente, à diretora Lúcia Murat. A atriz interpreta uma mulher que sofreu em sessões de tortura. Essa personagem conversa com o espectador tendo como ponto forte a cena final em que, de forma simbólica, permanece atrás das grades de uma janela. Ou seja, mesmo estando no conforto de casa, longe da prisão, o torturado ou torturada sempre estará imbuído de lembranças que os mantêm enclausurados. A diretora reforça: “Fui muito torturada – e as consequências duram até hoje. Às vezes penso, brincando, que seria justa uma indenização que me pagasse as despesas com dentistas e psicanalistas” (CARVALHO, 1998, p. 196). Essa relação da vida em sociedade após a tortura assemelha-se à condução de Ana e Tito que se sentem acudados em uma liberdade física. O contraponto é a liberdade da mente, que se mantém aprisionada, reverberando a angústia de lembranças violentas.

Figura 1 – Cena de final



Fonte: “Que bom de ver viva”, de Lúcia Murat (1989).

Ana está na Unidade de Tratamento Intensivo (U.T.I.), porém é essa mulher, jovem, quem auxilia nessa condução, conversando com as demais personagens, lembrando-se de sua experiência e ações contra a repressão durante a ditadura militar e a tortura que sofreu por ter se posicionado contrária ao regime imposto. Ana dos anos 2000 é revelada apenas uma vez na U.T.I., a sua figura enérgica da juventude, interpretada por Simone Spoladore traz as referências das ações realizadas durante a militância, por vezes, mesclando-se à rotina presente de seus amigos. Frei Tito militou de maneira distinta, assim como a missão dos demais freis dominicanos, auxiliando o movimento

⁵ Retato de Lúcia Murat extraído do livro “Mulheres que foram à luta armada”. Compilação de depoimentos realizados ao jornalista e escritor Luís Maklouf Carvalho.

em torno de informações. Porém, somente o fato de pertencerem a um pensamento adverso, representava risco de prisão.

O cinema nacional oferece diferentes obras em torno do regime militar, a repressão exercida em conjunto com os métodos de tortura contra militantes, jornalistas, artistas, camponeses, índios e até mesmo crianças. Em 1982, o diretor Roberto Farias lança ainda nos anos de chumbo “Pra Frente Brasil”. O longa-metragem discute a imersão do país na copa do mundo em meio ao instante político, paralelo a prisão e tortura de um cidadão sem envolvimento com a militância, fato que ocorria costumeiramente, reforçando o abuso de autoridade, como no exemplo da Arquidiocese de São Paulo:

[...] o interrogando escreveu tudo o que consta de fls. 76 e verso, inventando para satisfazer a polícia e não apanhar mais; que cada vez que a polícia pedia para relatar um fato novo, o interrogando inventava uma outra história, ainda para satisfazer a polícia [...] (2009, 209)⁶.

Em 2005, Toni Venturi apresenta “Cabra Cega”, filme que retrata o período discutido. Um militante da luta armada, Tiago, se refugia em um apartamento. No local se vê em constante vigília, pela ameaça policial. O personagem escapou da prisão, porém sua companheira Dora, foi capturada e torturada. Dora, no decorrer da trama é resgatada por companheiros e, debilitada, permanece temporariamente no apartamento onde Tiago se esconde. O diretor Sérgio Rezende realizou “Zuzu Angel”, em 2006. O longa-metragem revela a trajetória da estilista que intitula o filme. Mãe que buscou incansavelmente o paradeiro de Stuart Edgart Angel Jones, jovem militante morto depois de sessões de tortura. Zuzu Angel faleceu, em 1976, devido a uma emboscada policial, em um acidente de carro.

Tata Amaral, em 2011 baseia-se no livro de Fernando Bonassi, intitulado “Prova Contrária”, para a realização de “Hoje”. O filme representa por meio de um apartamento a herança da ditadura oferecida a Vera, personagem de Denise Fraga. A indenização da morte de seu marido a possibilitou comprar o imóvel. O retorno do homem e suas indagações fazem com que a personagem revele a ele a tortura que sofreu e que resultou na confissão do paradeiro dessa personagem e consequente morte. O enredo se passa no apartamento, como se o espaço fosse mais uma personagem. Rosenstone discorre sobre filmes de cunho histórico:

É possível encarar a contribuição de tais obras em termos não apenas dos detalhes específicos por elas apresentados, mas, sim, no sentido abrangente do

⁶ Relato do serralheiro Nelson Menezes, de 22 anos, em São Paulo (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 2009, p.209).

passado que elas transmitem, as ricas imagens e metáforas visuais que elas nos oferecem para que pensemos historicamente (2010, p. 23).

A partir disso, é possível criar parâmetros em torno do que o cinema traz como exemplos extraídos da história. Evidenciando, aqui, a relação entre os enredos, em torno de torturas praticadas. A memória, com isso, é resgatada, dando a possibilidade da abertura de discussões. Turner exemplifica um dos papéis do cinema na sociedade:

Os filmes não são eventos culturais autônomos. Entendemos os filmes em termos de outros filmes, seu universo em termos de outros universos. ‘Intertextualidade’ é um termo empregado para descrever o modo como qualquer texto de um filme será entendido mediante nossa experiência ou percepção de textos de outros filmes” (2007, p. 69).

Dessa forma, o cinema transporta ideias, posições acerca de situações adversas, deixando ao espectador possibilidades de discernimentos. Proporcionando alcance a histórias importantes para a compreensão da sociedade, e no que diz respeito ao tema discutido, fatos que motivaram parte da população a seguir o caminho da liberdade, direito inibido pelas forças armadas.

Procedendo ao levantamento das realidades através de seus primeiros planos que também sublinham os detalhes ocultos nos acessórios familiares, perscrutando as ambiências banais sob a direção engenhosa da objetiva, se o cinema, de um lado, nos faz enxergar melhor as necessidades dominantes sobre nossa vida, consegue, de outro, abrir imenso campo de ação do qual não suspeitávamos (BENJAMIN, 1983, p.22).

Assim o cinema abre caminhos para a identificação social. Por meio de ações inerentes à sociedade pela qual se trata. Logo, o espectador se aproxima do enredo, unindo traços de sua vivência às levantadas pela junção do roteiro, fotografia, arte, som, montagem e atuação. Tais elementos são essenciais para a conexão com a história ilustrada na tela, bem como, o tempo oferecido às imagens. A literatura representada por “Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella”, de Frei Betto e “Que bom te ver viva”, de Lúcia Murat são fontes de pesquisa que ilustram o caminho dado às obras cinematográficas em discussão: Batismo de Sangue, de Helvécio Ratton e “A memória que me contam”, de Lúcia Murat.

2.1 BATISMO DE SANGUE: OS DOMINICANOS E A MORTE DE CARLOS MARIGHELLA

“Batismo de Sangue” é baseado no livro de Frei Betto, um dos religiosos presos, intitulado “Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella”. A obra literária remonta as

memórias de quem viveu a violência. Ao longo dos capítulos as experiências dos freis são norteadas passando pela perseguição, tortura, prisão e exílio: I Carlos, o itinerário; II Sul, a travessia; III Prisão, o labirinto; IV Morte, a cilada; V DOPS, a catacumba; VI Tito, a paixão. Marighella era ligado à Ordem dos dominicanos, no qual mantinham uma frente contra o autoritarismo vigente. Sendo assim, o primeiro capítulo é dedicado ao guerrilheiro, traçando sua trajetória política, influenciada pelo pai italiano. O segundo capítulo relata a missão dada ao Frei Betto, como frente de apoio no Rio Grande do Sul, auxiliando a passagem de militantes pela fronteira do país. O terceiro, quarto e quinto capítulos tratam da vida em cárcere dos religiosos e as sessões de tortura impostas, principalmente, ao Frei Tito. Os gritos de Fleury ecoam pela sala à procura de informações sobre Marighella (figura 2). Frei Ivo em uma sala e Frei Fernando em outra, buscando forças para burlar a violência. Frei Betto em seu livro traz esse instante.

— Como é que Marighella entra em contato com você? — indagou Fleury. Fernando não respondeu. Fios desencapados foram ligados em seu corpo e a corrente elétrica inoculada nos músculos, qual serpente mortífera desenrolando-se nas entranhas. As pontas dos fios prendiam-se às extremidades das mãos e dos pés. Rodavam a manivela do telefone de campanha, o corpo do prisioneiro estremecia em espasmos e dores. Multiplicavam-se as perguntas e, ante as negativas, as sentinelas do arbítrio aumentavam o ritmo da tortura (1986, p. 126).

Figura 2 – Frei Fernando sendo torturado e interrogado por Fleury



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

Mesmo sob tortura, os freis arriscaram desviar as conexões da polícia. As informações estavam fora do controle das organizações militantes. A obra cinematográfica aponta tal questionamento no momento em que Frei Fernando e Frei Ivo estão na cela com os demais companheiros, Frei Tito, inclusive. Frei Ivo aponta que a repressão já tinha conhecimento do local e horário que receberiam a ligação para confirmar o encontro com Marighella. A obra literária indaga tal acontecimento. Helvécio Ratton mantém o questionamento.

Frei Ivo dissera que os telefonemas eram dados ao convento. Por que não o levaram a Perdizes para aguardá-los? Por que só Frei Fernando foi levado à livraria e exatamente quarenta e oito horas depois de preso, na tarde de terça-

feira, como se houvesse certeza de que Marighella não chamaria na segunda ou na manhã do dia 4? Como a polícia obteve a informação de que o cabeça da ALN não viajara conforme dissera a Fernando? Por que, na tortura, não pediram a Ivo a senha utilizada por Marighella para telefonar ao convento? (BETTO, 1986, p. 156).

O capítulo seis descreve a personalidade de Frei Tito, que foi abatido pela ditadura, junto aos seus poemas. O religioso é destacado pelo seu destino, atingido de forma ferrenha. A tortura realizada contra Frei Tito o fez permanecer abalado, dificultando seu reestabelecimento psicológico. “Batismo de Sangue” relata com intensidade a perseguição policial ao frei. Um dos momentos relevantes é a saída de Frei Tito do presídio Tiradentes (figura 3), a presença do capuz ao cobrir a lente da câmera como se fosse os olhos de Tito encerra a cena. O religioso é levado por dois agentes e recepcionado no pátio por um homem que diz: "Você agora vai conhecer a sucursal do inferno". A literatura não menciona o capuz, porém era corriqueiro valer-se desse acessório como o primeiro indício do que poderia acontecer. Caldas, em suas memórias, ressalta esse elemento de forma que, “uma história puxa a outra e acabamos conseguindo desvendar também aquela viagem ao inferno, aquele sequestro que jamais soubemos ao certo por que te pegaram nem para onde te levaram com um capuz enfiado na cabeça” (2004, p. 12).

Figura 3 – Frei Tito é levado para sessões de tortura



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

— Fui levado do Presídio Tiradentes para a Operação Bandeirantes — Oban (Polícia do Exército) — no dia 17 de fevereiro de 1970, terça-feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: "Você agora vai conhecer a sucursal do inferno". Algemaram minhas mãos, jogaram-me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início: cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres (1986, p. 190).

Após Frei Tito ser levado do presídio Tiradentes, se distanciando de Frei Ivo, Frei Fernando e Frei Betto, o primeiro enquadramento que indica a violência que o atingiu, apresenta as condições da cela e, conseqüentemente, a intensidade das agressões. Em plano geral, Frei Tito (figura 4) está deitado e descalço, no chão sujo. O figurino amassado e os ferimentos comprovam a situação do religioso. A fragilidade de Frei Tito diante da violência à atuação, caracterização,

cenário e o enquadramento que o comprimia, em *plongée*. Martin explica que “o *plongée*, com efeito, tende a minimizar (tomada de cinema para baixo) o indivíduo, a esmagá-lo moralmente, abaixando-o a nível do solo, fazendo dêle (*sic*) um joguete da fatalidade” (1963, p. 44-45).

Figura 4 – Frei Tito após a sessão de tortura



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

Além da tortura física, Frei Tito foi constrangido psicologicamente, sendo ameaçado de ser expulso da ordem dominicana (figura 5). Deitado na maca de hospital após a tentativa de suicídio, o mesmo militar que o levou do presídio Tiradentes, o coage.

Figura 5 – Militar ameaça Frei Tito



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

O repressor está em plano médio, *contra-plongée*, característica que afirma seu poder sobre Frei Tito. Sobre esse ângulo Martin esclarece que:

O *contre-plongée* (o sujeito é fotografado de baixo para cima, estando a objetiva abaixo do nível normal do olhar) dá em geral uma impressão de superioridade, de exaltação e de triunfo, pois engrandece os indivíduos e tende a enaltecê-los, destacando-os assim sôbre (*sic*) o céu até aureará-los de nuvem negra (1963, p. 44).

No exílio o religioso ainda sofre interferências da tortura. Em um Café, em Paris, Frei Tito e Frei Oswaldo conversam sobre os rumos em que o Brasil deveria se encaminhar, para que a luta

contra a ditadura militar pudesse se fortalecer. Frei Tito, no entanto, embora esteja distante fisicamente de seus algozes, sua mente se mantém dependente de seus momentos de sofrimento.

Figura 6 – Lembranças de Frei Tito em que Fleury o acusa de traidor da igreja



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

Ao visualizar um cliente do local sentado à mesa, trajando um paletó branco, imediatamente, suas lembranças veem à tona, e Fleury, em *contra-plongée* surge em plano médio subjetivo, afrontando Frei Tito, o acusando de traidor da igreja (figura 6). As atitudes do frei no convento preocupava os demais religiosos. Frei Tito é visto com as mãos para cima dizendo que esperava seu fuzilamento (figura 7), pois traiu o Brasil e os dominicanos.

Figura 7 – Frei Tito, atormentado, espera por seu fuzilamento



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

Assim como Ana de “A memória que me contam”, Frei Tito sentia a presença de um homem que o ameaçava. Ao receber a visita de sua irmã Nildes, interpretada pela atriz Marcélia Cartaxo, no convento francês, Frei Tito se recolhe em seu quarto afirmando à irmã que seria mais apropriado conversarem em outro momento, pois Fleury poderia vê-los. O religioso é visto em plano próximo, por uma fresta da porta (figura 8), confirmando sua condição de reprimido. Após esse instante, sua dependência da memória se agravaria.

Figura 8 –Frei Tito sente a presença de Fleury



Fonte: “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton (2006).

Ana foi torturada de forma que as sequelas permaneceram mesmo longe dos porões da ditadura. O único momento em que Ana, com 60 anos aproximadamente, é apresentada ao espectador, é o instante em que Eduardo a visita no hospital. A cena encerra-se com a presença de Ana jovem sendo indagada pelo rapaz. Eduardo pergunta se vale a pena. Ela responde positivamente, que foi pelo legado deixado, mesmo presenciando atos hediondos contra seres humanos. Enquanto responde Eduardo, a mulher observa seu corpo debilitado sobre a maca (figura 9).

Figura 9 – Eduardo pergunta a Ana se valeu a pena



Fonte: “A memória que me contam”, de Lúcia Murat (2012).

Essa personagem que ronda as vidas de amigos e amigas, ainda no hospital, encontra Irene. A jovem reforça sobre as questões em torno da militância e o que a tortura poderia ocasionar, além da violência, a confissão sobre outros companheiros, como em “Hoje”, exemplo de Tata Amaral. A diz a Irene: “Vocês não podem incorporar os valores deles. Se eles acham que nós somos corajosos, então nós não somos. O nosso valor é outro, não é o deles. Não é porque a gente não falou na tortura, a gente é melhor que alguém, porque nós também poderíamos ter falado.” A cena que antecede esse diálogo, apresenta o grupo de amigos na sala de hospital, discutindo sobre as atitudes de militantes e erros cometidos.

Figura 10 – Irene e Ana se encontram no hospital



Fonte: “A memória que me contam”, de Lúcia Murat (2012).

A cena em que Eduardo visita o apartamento de Ana, com o namorado Gabriel, intensifica como a tortura sofrida e sua conseqüente gravidade tomava proporção. E, como essa agressão atingiu a personagem e quem estava próximo a ela. Eduardo ao olhar o ambiente discorre sobre os momentos de delírio de Ana. Quando criança o rapaz ouvia os gritos da mulher que suplicava pelo afastamento do homem que a perseguia e pedia para não ser mais torturada. Essa cena é finalizada com a presença de Ana olhando para Eduardo, que menciona sobre a tortura realizada a sua mãe Irene, e por que essa violência deixou vestígios em Ana, diferente de Irene (figura 11). Essa situação é observada em “Batismo de Sangue”, com Frei Tito, conforme já mencionado. Outros companheiros freis foram torturados, mas Tito foi o atingido de forma mais profunda. Para Sganzerla:

No cinema como política, moral, estética, a revolução formal significa simplesmente opção diante da certeza e o talvez. Em sua passagem ao relativo, o cinema atual propõe uma solução dialética: conflitar os dois métodos de captação da realidade (Destino versus História), sobrepor o destino individual com o coletivo, comunicar a mente com a massa. [...] Acentua-se um conflito dialético entre a realidade e a ficção, o destino e a história, o real e o imaginário” (2001, p.23).

Figura 11 – Sequência em que Eduardo no apartamento de Ana



Fonte: "A memória que me contam", de Lúcia Murat (2012).

A lembrança da tortura torna-se profunda em “A memória que me contam” quando reforça que essa violência pode causar um círculo de sofrimento, até mesmo para gerações que não viveram

com veemência os anos em que a ditadura militar vigorou no Brasil. A memória também tem o poder de torturar, por tempo indeterminado.

2.1 QUE BOM TE VER VIVA

O docudrama de Lúcia Murat explora a vivência de oito mulheres durante a ditadura militar. A experiência dessas, que fizeram parte da luta armada e as lembranças trazidas por vozes que enalteceram a participação feminina ao longo do período. A atriz Irene Ravache representa uma mulher que foi torturada, assim como, as entrevistadas. O filme de 1989, realizado apenas quatro anos após a retomada da democracia, apresenta o frescor dos acontecimentos. A lembrança como espelho da personagem Ana de “A memória que me contam”, em que a protagonista se relaciona com as demais personagens por meio de reminiscências, como um retorno à perseguição, tortura e sequelas.

Em um momento, Ana, foge de disparos de armas, deslocando-se de imediato a seu exílio, na França, onde Frei Tito, também se exilou e demonstrou pânico, e sensação de perseguição, assim como a personagem Ana. No documentário, o depoimento de Maria do Carmo Britto se aproxima das duas personagens, por sentir a presença de seus torturadores, mesmo após a liberdade. “Que bom te ver viva” é um importante registro da participação da mulher no combate à ditadura militar. A presença feminina relatada por oito mulheres revela a força de ideais e as dificuldades em resgatarem na memória a tortura e crueldade que sofreram, simplesmente, por serem mulheres.

2.2 CINEMA, MULHER E TORTURA

O feminino esteve presente nessa luta, seja empunhando armas ou amparando os grupos. As obras cinematográficas citadas evidenciam essa participação, mesmo que o filme trate de personagens masculinos, como em “Batismo de Sangue”, a mulher é apresentada, embora de forma tímida, ainda sim, é notada sua presença, pois historicamente foi combatente ativa. O enredo que explora a participação dos religiosos dominicanos e a aliança com Marighella, decorrências que resultaram na tortura de Frei Fernando, Frei Ivo e Frei Tito, reforça em duas cenas a colaboração feminina. A personagem da atriz Cynthia Falabella é incumbida a fazer a transição de informações e dinheiro a Frei Betto, que encaminharia ao destinatário Carlos Marighella. Ela ressalta que companheiros estavam sendo muito torturados e, por fim, entrega ao frei uma sacola de feira com verduras que escondiam o dinheiro destinado ao guerrilheiro (Figura 12).

Figura 12 – Frei Betto recebe a sacola da mulher



Fonte: "Batismo de Sangue", de Helvécio Ratton (2006).

Com a descoberta das ações, Frei Betto é preso. Na prisão o religioso a reencontra. A cena endossa os pontos de fracasso da militância, em que a cada instante um companheiro era detido. A mulher está em uma cela com outras companheiras (figura 13). Em outro momento, essas mulheres recebem uma personagem que havia sofrido tortura, todas se unem para ajudá-la.

Figura 13 – Mulher olha Frei Betto entrando na cela. Mulheres auxiliam companheira torturada



Fonte: "Batismo de Sangue", de Helvécio Ratton (2006).

“Que bom te ver viva” é um registro que mostra a força de mulheres que prestam depoimento em 1989, revivendo lembranças recentes e os vestígios deixados pela tortura. Os oito relatos⁷ são de mulheres que estiveram à frente da luta armada. O depoimento anônimo de uma militante explana sobre sua permanência durante quatro anos na clandestinidade e quatro anos na prisão. Criméia de Almeida, sobrevivente da guerrilha do Araguaia, detida grávida, em 1972. O filho nasce na prisão. Estrela Bohadana, militante do Partido Operário Comunista (POC), foi presa em 1969 e 1971, no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente.

Jessie Jane foi presa durante o sequestro de um avião, em 1970. Torturada durante três meses permanece na prisão por nove anos. Maria Luiza G. Rosa (Pupi) foi militante do movimento estudantil, presa e torturada quatro vezes nos anos 1970. Regina Toscano, militante do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), foi torturada e mantida um ano na prisão, em 1970. Rosalinda

⁷ Biografias extraídas de legendas do documentário “Que bom te ver viva”, da diretora Lúcia Murat, de 1989.

Santa Cruz (Rosa) foi militante da esquerda armada, presa e torturada por duas vezes. Maria do Carmo Brito participou do comando da organização Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), presa em 1970 e torturada por dois meses, foi trocada pelo embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben. Permaneceu dez anos no exílio. Os depoimentos de “Que bom te ver viva” evidenciam os intuitos dos torturadores.

A tentativa de destituir a mulher de seu lugar feminino, de mulher, de mãe, não encontrou nos porões da ditadura qualquer trégua. O lugar de cuidadora e de mãe foi vulnerado com a ameaça permanente aos filhos também presos ou sob o risco de serem encontrados onde estivessem escondidos. O aviltamento da mulher que acalentava sonhos futuros de maternidade foi usado pelos torturadores com implacável vingança, questionando-lhe a fertilidade após sevícias e estupros. (MERLINO, 2010, p. 30).

Assim, em semelhança a Maria do Carmo, a militante Vera Silvia Magalhães, inspiração de Lúcia Murat para compor a personagem Ana de “A memória que me contam”, também foi libertada por conta do sequestro do embaixador alemão, em 1970. O MR-8 fez parte da história de Regina Toscano e Vera Silvia. A ficção de Lúcia Murat indica fatos históricos cuja participação de Ana foi manifesta, como o sequestro do embaixador estadunidense (figura 14), em que Vera Silvia foi integrante do grupo. Mesmo com o prenúncio de confrontos e o risco de tortura, as mulheres se colocaram à frente de armas, ajudaram movimentos buscando a liberdade do país das mãos militares. Quando capturadas, os policiais não as poupavam. Merlino lembra que:

O corpo da mulher, sempre objeto de curiosidade, tornou-se presa do desejo maligno do torturador e ficou à deriva em suas mãos. Autorizado por seus superiores e mandantes a torturar, o servidor torturador incorporou ingredientes próprios e piores ao ato que, por delegação, lhe foi solicitado e previamente permitido. Cumpria ordens (2010, p. 30).

Figura 14 – Ana participando do sequestro do embaixador estadunidense



Fonte: “A memória que me contam”, de Lúcia Murat (2012).

Dessa forma, “Pra Frente Brasil”, “Cabra Cega”, “Zuzu Angel” e “Hoje”, também revelam a presença da mulher, reforçando o engajamento dessas e até a morte, como no caso da personagem

Mariana, de Elizabeth Savalla, em “Pra Frente Brasil”, morta em confronto com a polícia. A emboscada sofrida por de “Zuzu Angel”, vivida por Patrícia Pillar revela que uma mãe não poderia ter o direito de encontrar o corpo de seu filho. O enfrentamento da estilista em torno do paradeiro de Stuart, a levou à morte em um acidente de carro forjado pela polícia.

Em “Cabra Cega” Dora, interpretada por Luah Guimarães, não consegue escapar do embate com a polícia e é torturada brutalmente. “Hoje” é conduzida por Vera, interpretação de Denise Fraga. A mulher não suporta a pressão do marido morto Luiz, vivido por César Troncoso, que retorna para indagá-la sobre a compra de um apartamento com a indenização de sua morte. Vera, a partir disso, confessa que na sessão de tortura disse aos policiais o ponto onde Luiz se encontrava. Sobre o envolvimento das mulheres em organizações revolucionárias, Insuela comenta que:

A clandestinidade, o risco da prisão e da tortura, as referências teóricas e a realização de ações práticas faziam parte de seu universo, sendo sempre mencionado nas suas falas. Muitas militantes das esquerdas revolucionárias atribuem a suas militâncias a responsabilidade pelo questionamento de valores e papéis desempenhados pelo sexo feminino na sociedade. Acreditam que pertenciam a uma geração de mulheres que subverteu os papéis tradicionais de gênero e transpassaram barreiras em uma sociedade altamente masculinizada. Elas assumem a postura pioneira no que diz respeito às suas experiências, e que *ousaram* desafiar o código vigente, enfrentando vários obstáculos (2011, p. 25).

Documentário e ficção podem oferecer formas diferentes de representar esses atos. “Que bom de te ver viva” mostra em diferentes momentos grades, cadeados, como se as mulheres ainda estivessem aprisionadas, mesmo longe dos porões da ditadura. “Batismo de Sangue” revela a mulher machucada com ferimentos característicos do instrumento de tortura pau-de-arara⁸, os punhos e tornozelos feridos. A personagem denuncia às companheiras que seu algoz não a torturou somente no pau-de-arara. O torturador fez mais, subentendendo-se a tortura sexual, recorrente nos métodos empregados. Além desse momento, a cena em que os freis realizam uma missa improvisada com café e biscoitos, a personagem de Débora Falabella faz uma prece solicitando que “Pudim” as deixe em paz. “O delegado “Pudim” era o braço direito do Dr. Fleury. Alto, alourado, lembrava a figura de um oficial nazista, embora lhe faltasse o porte marcial. Tinha predileção por seviciar mulheres” (BETTO, 1986, p.183).

⁸ A vítima, geralmente nua, tem os pulsos e tornozelos envoltos em tiras de cobertores ou pano grosso e amarrados com cordas. Em seguida, o interrogado é obrigado a sentar-se no chão, de tal forma que os joelhos dobrados sejam abraçados. No espaço sob os joelhos – e entre os cotovelos – introduz-se a barra de ferro, por onde se levanta o prisioneiro para pendurá-lo entre os dois cavaletes (FON, 1979, p. 78).

As cenas de torturas foram evidenciadas com Frei Fernando, Frei Ivo e Frei Tito, nus diante de seus torturados, passando pelo pau-de-arara e cadeira-do-dragão⁹. “A memória que me conta” traz as recordações das personagens para reforçar as implicações oferecidas à Ana, pela tortura. Metz discorre que, “o significante de cinema é perceptivo (visual e auditivo) (...) O cinema, em maior escala que as outras artes, ou de maneira mais singular, embrenha-nos no imaginário” (1980, p. 52 e 55). Nesse caso as imagens passam a ser construídas pelo espectador.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cumprimento deste artigo é a soma do respeito com as pessoas que enfrentaram um período histórico brasileiro, em que a tortura esteve à frente das ações policiais. O risco de vida iminente não afastou a militância de seus objetivos. A admiração pela história foi a ponte para descobrir depoimentos misturados à força e tristeza. É até mesmo impossível imaginar essa coragem que os manteve vivos, como Frei Fernando, Frei Ivo e Frei Tito, este buscou a morte como liberdade em terras francesas.

As mulheres do documentário “Que bom te ver viva”, de Lúcia Murat, que viram companheiras e companheiros torturados e mortos. A diretora desse documentário que por três anos permaneceu presa foi testemunha de atrocidades. Vera Sílvia Magalhães, única mulher a participar do sequestro do embaixador estadunidense, torturada em uma sexta-feira santa¹⁰, ouviu de seus agressores que sofreria como Jesus Cristo. Os freis Fernando e Ivo foram torturados até a confissão do local onde encontrariam Marighella. Há 33 anos as “Direjas Já!” sofria sua derrota, mas não deixou de ser uma tentativa de sair das mãos militares, no ano em que minha vida tornou-se concreta. Desde esse momento até os “caras pintadas” era comum à infância. Ao ver os jovens na rua foi possível notar que algo importante estava acontecendo. A partir disso, a contínua observação do país à procura de um rumo, ainda chefiado por mãos impróprias.

Além da livre opinião, é necessário falar sobre a tortura, um dos principais motes do trabalho. A exibição de “Batismo de Sangue” e “A memória que me contam”, embora façam parte de um instante democrático, 2006 e 2012, é possível ressaltar torturas veladas, ocorridas sem a grande população tomar conhecimento, como o caso de Amarildo de Souza, ajudante de pedreiro,

⁹ Criada pelos técnicos da “Operação Bandeirantes”, a “cadeira-do-dragão” tornou-se um dos mais conhecidos instrumentos de tortura utilizados no Brasil [...] É uma poltrina tosca, de madeira, com o assento, o encosto e os apoios para os braços revestidos de placas de metal nas quais são ligados os fios terminais de uma “maquininha de choque” ou de uma “Pianola Boilensen”. Sentada na cadeira, a vítima tem os braços, as pernas e o tronco amarrados à poltrona através de correias de couro (FON, 1979, p. 77).

¹⁰ Memória Política. Direção Ivan Santos. Brasil: TV Câmara, 2004. (61 min), cor e p/b.

morador da Rocinha (RJ), torturado até a morte pela polícia dita pacificadora. O Brasil não está sob domínio militar, mas ainda detém seus vestígios, como o caso de Amarildo e tantos outros desconhecidos.

4 REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil: Nunca Mais**. 38ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BETTO, Frei. **Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de suas técnicas de reprodução**. In: Victor Civita (org). **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

CALDAS, Álvaro. **Tirando o capuz**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CARVALHO, Luís Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo: Globo, 1998.

FON, Antonio Carlos. **Tortura – A história da repressão política no Brasil**. São Paulo: Global, 1979.

INSUELA, Julia Bianchi Reis. **Visões das mulheres militantes na luta armada: repressão, imprensa e (auto)biografias (Brasil 1968/1971)**. 220 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Trad. Flávio Pinto Vieira e Teresinha Alves Pereira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

MERLINO, Tatiana. **Direito à memória e à verdade: Luta, substantivo feminino**. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2010.

METZ, Christian. **O significante imaginário – Psicanálise e Cinema**. Trad. António Durão. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SGANZERLA, Rogério. **Por um cinema sem limite**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

5 REFERÊNCIAS FÍLMICAS

A MEMÓRIA que me contam. Direção Lúcia Murat. Brasil: Imovision, 2012. (97 min), cor e p/b.

BATISMO de Sangue. Direção Hervécio Raton. Brasil: Downtown Filmes, 2006. (112 min), cor.

- CABRA Cega. Direção Tony Venturi. Brasil: Europa Filmes, 2005 (108 min), cor e p/b.
- EM BUSCA de Iara. Direção Flavio Frederico e Mariana Pamplona. Brasil: Kinoscópio, 2013. (91 min), cor e p/b.
- EM BUSCA da verdade. Direção Deraldo Goulart e Lorena Maria. Brasil: TV Senado, 2015. (58 min), cor e p/b.
- HOJE. Direção Tata Amaral. Brasil: H2O Films, 2011. (87 min), cor.
- MEMÓRIA política. Direção Ivan Santos. Brasil: TV Câmara, 2004. (61 min), cor e p/b.
- PRA FRENTE Brasil. Direção Roberto Farias. Brasil: Embrafilme, 1982. (108 min), cor.
- QUE BOM te ver viva. Direção Lúcia Murat. Brasil: Taiga Filmes, 1989. (97 min), cor.
- VLADO – 30 Anos Depois. Direção João Batista De Andrade. Brasil: Oeste Filmes, 2005. (86 min), cor.
- ZUZU Angel. Direção Sérgio Rezende. Brasil: Warner Bros. Pictures, 2006. (98 min), cor.

Title

Torture: cinema as a source of memory.

Abstract

The article aims to approach the Brazilian military regime, represented by its apex, between the late 60's and early 70's. It is intended to observe the following fronts: cinema, torture, and women. With the purpose of seeking an understanding of how the film choices were in conjunction with the historical content. For this, the film works "Batismo de Sangue" by Helvécio Raton and "A memória que me contam" by Lúcia Murat, are the starting points of the reminiscences of those who lived the period. The use of torture as a legal-police resource is part of the works cited, a matter of their histories. The films mentioned say through their cinematographic languages the memories of those who lived the fact. The recollections of the characters who lead the plots, Brother Tito and Ana, of "Batismo de Sangue" and "A memória que me contam" respectively, show that violence is not only momentary but can last to death. The persecution becomes continuous, and the torturers remain next to those who suffered the aggression, that is, in the memory. Also, the participation of women in armed struggle and the emphasis directed to female interaction in opposition to the established regime. For the aid in this discussion, it is based on the literary work; Cinematographic and fictional.

Keywords

Torture; Memory; Film Narrative.

Recebido em: 31/07/2017.

Aceito em: 30/08/2017.